

5 Conclusão

Marques Rebelo foge a enquadramentos fechados, de modo que chega a soar como um paradoxo a exigência de que um estudo acerca de sua obra requeira uma conclusão, quando ele mesmo a evitou ao máximo. Se acaso ainda estivesse vivo, é bem possível que ele lançasse algum comentário sarcástico de modo a fazer cair por terra, talvez com apenas um epigrama, essa minha tentativa de fazê-lo. De todo modo, cumpro a exigência, mesmo ciente do risco que corro.

Os manuais costumam vincular Marques Rebelo à tradição ao Rio de Janeiro, interligados pelas figuras de Manuel Antônio de Almeida, Machado de Assis e Lima Barreto, as quais mui raramente são acompanhadas por Raul Pompeia e Ribeiro Couto, entre outros. E foi puxando esse fio que iniciei a pesquisa que deu origem a esta tese, cuja primeira questão passava justamente por tentar compreender que tradição era essa, a qual a crítica julgava ter sido, primeiro, descartada pelo modernismo, entendido assim como um movimento unívoco, e depois retomada quase que exclusivamente por Marques Rebelo.

Além disso, e principalmente, interessava-me saber o que essa suposta tradição literária, incluindo aí o próprio Rebelo, tinha a dizer sobre a cidade do Rio de Janeiro, cuja fisionomia, como resultado de inúmeras reformas urbanas, havia se transformado radicalmente na primeira metade do século passado. E, por fim, e essa questão também atravessa boa parte dos estudos sobre o autor, por que recaía sobre Rebelo, que alcançou certa projeção em sua época, servindo de influência principalmente para autores mais jovens, um esquecimento de público e crítica nos dias atuais?

Qualquer esboço de resposta a essas questões passa, a meu ver, pela visão fragmentada de mundo do próprio Marques Rebelo. Autor único, embora não tenha sido excepcional, sua prosa é fácil, mas sua apreensão é difícil, tamanhas são as suas idiossincrasias. Sendo assim, depois de ter perseguido de perto toda uma reflexão teórica acerca da relação entre tradição e modernidade, a qual julgava central para o seu entendimento, o caminho que escolhi não foi outro

senão o de tatear com vagar toda a sua obra, da qual me aproximei a partir das imagens estilhaçadas que saltam constantemente das páginas rebelianas.

No limite, sua obra é um grande espelho partido, de modo que o seu reflexo multifacetado escapa a uma moldura única e estática. A própria tradição a qual Rebelo procurou se vincular não pode ser vista em sua completude, na medida em que a literatura de Manuel de Almeida, ao menos essa é a sua interpretação, não deixou propriamente um legado às gerações que a ele se seguiram. É como se Rebelo quisesse tomar por herança uma tradição, senão natimorta, inacabada, porquanto estancada em seus primeiros passos. E mesmo se nela incluirmos Machado de Assis e Lima Barreto, veremos que Rebelo os considera de uma maneira uma tanto deslocada, ou seja, como autores que, cada qual a sua maneira, foram únicos e intempestivos em seus próprios contextos histórico-culturais.

A literatura rebeliana se constitui de estilhaços e fragmentos. Linear ou não, em suas narrativas o sentido é sempre aberto, como se faltasse a suas histórias, por procedimento literário deliberado, uma última demão da parte de seus narradores. São cacos de histórias de personagens mal acabados psíquica e socialmente. Não é à toa que, em seus livros, a experiência do cotidiano, desvencilhado de um contexto maior, adquire valor suficiente para se transformar ele mesmo em tema. Com as coisas miúdas e ao rés do chão, Rebelo procede tal como o cronista, e passa assim ao largo dos grandes debates políticos de seu tempo, mormente o regionalismo, a exemplo de autores como Graciliano Ramos e Jorge Amaro e que envolvia a discussão acerca na cultura nacional no anos 1930. Mantendo-se relativamente alheio, Rebelo não observa mais que o mundo em sua volta, mas sem poder oferecer-lhe qualquer interpretação única e segura, de tal maneira que, da história, nos oferece apenas uma impressão, e não uma interpretação ou intervenção. Por fim, até mesmo os gêneros literários Rebelo os entrecorta através de um processo que se assemelha a uma colagem onde poesia, conto, romance, diário, e crônica se perpassam uns aos outros sem cessar.

Essa sensação de movimento, igualmente atravessada pela incompletude, culmina em seu imaginário urbano. Talvez Rebelo deva ser visto como um autor mais localista que carioca, no sentido de que, não oferecendo qualquer tipo rejunte para as pedras da urbe, também não construiu uma identidade para a cidade. Portanto, o Rio de Janeiro de Marques Rebelo só pode ser bem compreendido se levarmos em consideração sua própria experiência nessa cidade, onde viveu

praticamente toda a sua vida. A cidade, e o Rio de Janeiro em especial, formam o tema e o cenário ideal para Rebelo. Na primeira metade do século XX, a cidade se apresentava em sua faceta movediça e fragmentada, e nela Rebelo e suas personagens buscam espaços fronteiriços como um abrigo precário.

Esse Rio de Janeiro que emerge das páginas de Rebelo é feito à imagem do próprio autor. Ao invés de insistir na tensão, o lirismo de seu olhar partido, fragmentado, inventa uma memória para cada um de seus cantos e os torna assim afetivamente habitáveis. O arrabalde, habitado pela gente comum, é o seu lócus predileto, e repousa num espaço entre a vida moderna e burguesa da Zona Sul e os marginalizados das favelas. Mas a cidade é, sobretudo, movimento de ir e vir e subir e descer, isto é, movimento literal e conotativo. Em outras palavras, a cidade de Rebelo, antiturística, um tom abaixo da cidade-capital, é composta por uma efêmera paisagem humana que nela não acha um lugar próprio senão pela ficção, tal como ele próprio. Nele, portanto, tudo se estilhaça: sua memória, sua literatura, sua cidade.